

CONTRA SEMINÁRIO
INTERNACIONAL
→ **CONDUTAS**

POLÍTICAS
DA

ARQUITETURA

E

TRABALHO
ESCRAVO

NA

CONTEMPORANEIDADE

2017

CONTRA SEMINÁRIO
INTERNACIONAL
CONDUTAS

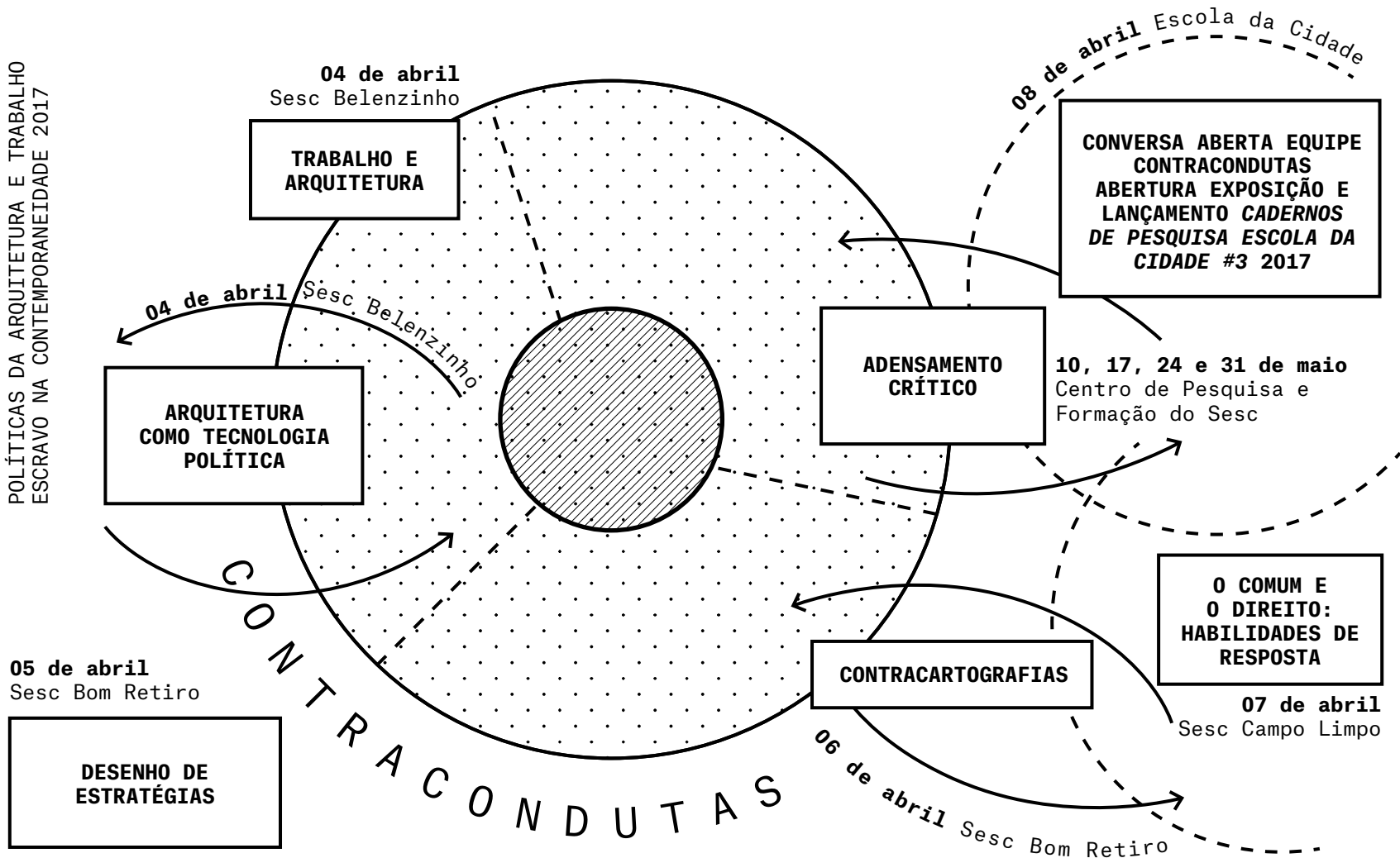
**POLÍTICAS
DA ARQUITETURA
E TRABALHO
ESCRAVO NA
CONTEMPORANEIDADE**

2017

SEMINÁRIO

INTERNACIONAL

POLÍTICAS DA ARQUITETURA E TRABALHO
ESCRAVO NA CONTEMPORANEIDADE 2017



CONDUTAS NO PLANO SOCIAL

Um dos principais aspectos do contínuo processo de modernização que ocorre planetariamente é o do aumento da urbanização territorial. As *urbes*, no entanto, tornam cada vez mais complexos os espaços nos quais se vive, e o espaço é uma instância social, forma um conjunto inseparável entre a materialidade e as ações humanas.

No que diz respeito ao Brasil, cada vez mais, como descreveu o importante geógrafo Milton Santos, a ação humana tem feito com que as divisões geográficas entre os estados – e internamente, entre os municípios – firmem-se sob a dualidade “urbano” e “agrícola”, e não mais entre “urbano” e “rural”.¹

Fato é que cidades pequenas ou médias, antes tipicamente rurais, tornam-se urbanas e agrícolas em vista de variados fatores, como a mecanização técnica e científica aplicada à produção. Por seu turno, algumas cidades já urbanas, desde meados do século XX, passam da urbanização para a metropolização. Esse processo traz muitos benefícios para a população, mas também desencadeia inúmeros desafios, como os que estão ligados à maior condição de mobilidade e migração na busca de postos de trabalho, o que pode levar, por exemplo, ao aumento do desemprego, do emprego com baixa remuneração, do subemprego e até do trabalho em condições similares às da escravidão.

Costuma-se afirmar que as condições históricas de modernização de nosso país explicam a permanência da pobreza. Isso significa que, no tempo presente, há muito ainda por se lutar para superar as mazelas de um passado de fraco investimento no setor social e educacional, na perspectiva de diminuir a desigualdade. Por outro lado, tendencialmente, os grandes centros urbanos solicitam

um trabalho qualificado, ao mesmo tempo em que são a esperança de uma vida melhor para amplas populações pobres e com baixo índice formal de estudo e qualificação profissional. Empreendedores retrógrados, ao lidar com esse quadro, utilizam-se do trabalho precário e similar ao escravo para ampliar seus ganhos, não respeitando a dignidade humana. Nesse sentido, como também sugeriu Milton Santos, a urbanização – ou a metropolização – tem elementos “involutivos”.

O evento **Contra – Seminário Internacional – Condutas: políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade**, proposto pela Escola da Cidade e do qual o Sesc São Paulo é correalizador, surge nesse cenário de utilização de trabalho análogo ao escravo, no qual um Termo de Ajuste de Conduta do Ministério Público de Guarulhos foi deflagrado contra a construtora brasileira responsável pela obra do Terminal 3 do Aeroporto Internacional de Guarulhos.

Ao unir-se à Escola da Cidade para a reflexão sobre o tema das condições de trabalho em grandes obras de infraestrutura, o Sesc compactua com a necessidade de erradicação de todo e qualquer tipo de subtrabalho, encontrando, neste seminário, a possibilidade de produzir conhecimento e contribuir para a melhoria da qualidade de vida em nossas cidades. Por meio da educação e da cultura, podemos construir a realidade que queremos, pois o futuro é formado por um conjunto de condutas, de possibilidades e desejos também no plano social, além de tudo o que se erige no plano econômico.

Danilo Santos de Miranda
Diretor Regional do Sesc São Paulo

¹ SANTOS, Milton. A urbanização brasileira. São Paulo: Edusp, 2008, p. 130 e ss.

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL: REFLETIR E COMEMORAR

Reuniões com caráter reflexivo sempre estiveram presentes no projeto pedagógico da Escola da Cidade. Temas do universo cultural, além do da arquitetura, fazem parte de nosso ideário, por entendermos que a arquitetura é um saber de fronteiras, margeando necessariamente formas do conhecimento humano, sem perder seu objetivo primário: a construção de recintos para o convívio humano.

O Seminário Internacional, com periodicidade anual, é um desdobramento do Seminário Semanal de Cultura Contemporânea, disciplina constante da grade curricular da Escola da Cidade, desde sua origem.

Em sua décima segunda edição, a terceira em parceria com o Sesc, muito nos alegrou e honrou promover este Seminário. Uma pequena instituição de ensino como a nossa, ao lado da organização do Serviço Social do Comércio, com 71 anos de experiência, uma das mais respeitadas e valiosas do país, nos orgulha e entusiasma.

As arquitetas e professoras Carol Tonetti e Ligia Nobre lideraram a organização este ano, em conjunto com uma valiosa equipe e em parceria com os coordenadores do Estúdio Vertical.

O tema central, *Políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade*, é resultado de meses de estudo, desde o primeiro semestre de 2016, com seminários, encontros, debates e reflexões contínuas, com especialistas, pensadores e atuantes na área. O XII Seminário Internacional é, então, um momento para aprofundar – junto com pensadores brasileiros, chilenos, argentinos, colombianos, espanhóis, ingleses, estadunidenses entre outros – essa tão necessária e urgente questão.

Comemoremos, porque “*¡hay motivos!*”

Ciro Pirondi
Diretor da Escola da Cidade

PROJETO CONTRAONDUTAS

Desenvolvido no âmbito do Conselho Técnico da Escola da Cidade como projeto de reparação coletiva indireta, **Contracondutas** busca responder, com diversas ações político-pedagógicas, parte das questões abertas pela fiscalização e flagrante de situações relacionadas ao trabalho análogo a escravo em uma grande obra em Guarulhos, o Terminal 3 do Aeroporto Internacional.

Assim, por decisão do Ministério Público do Trabalho de Guarulhos, parte da verba do Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), colocado a uma grande construtora, foi destinada à Associação Escola da Cidade, para a elaboração de um projeto que problematizasse e impactasse o debate público sobre as grandes obras de infraestrutura, a migração e o trabalho análogo a escravo na contemporaneidade.

O projeto **Contracondutas** foi idealizado por uma equipe interdisciplinar de profissionais, com duração prevista de um ano (maio de 2016 a maio de 2017), e opera como dispositivo que atravessa diversas atividades didático-pedagógicas da Escola da Cidade – tais como o Seminário de Cultura e Realidade Contemporânea, o programa de Estágios de Pesquisa Científica e Experimental, disciplinas regulares de Meios de Expressão que tratam das relações entre Arte e Arquitetura e o Estúdio Vertical –, ao mesmo tempo em que incorpora e provoca indagações acadêmicas, jornalísticas e artísticas, projetando-se em direção ao debate público do tema e de suas repercussões na cidade, nas relações sociais, na ocupação do território, nos fluxos migratórios, nas políticas públicas e nas produções culturais.

CONTRAONDUTAS, UMA CONSTRUÇÃO POLÍTICO-PEDAGÓGICA COLETIVA

Com a responsabilidade de construir coletivamente e dialogar entre públicos heterogêneos, o projeto político-pedagógico **Contracondutas** voltou-se para articulação de uma rede, que envolveu mais de 250 pessoas e 15 organizações socioculturais e de ensino, amplificando e participando do debate público sobre trabalho escravo na contemporaneidade e suas especificidades na construção civil. Múltiplas camadas de pesquisas, investigações jornalísticas, ensaios fotográficos, exposição, palestras, oficinas, publicações e intervenções públicas, se alternam entre atividades pedagógicas e programa público, em Guarulhos e em São Paulo. Ao endereçar questões acerca de estruturas e sistemas socioeconômicos que impactam os processos da construção civil e seus meios de produção no mundo globalizado, essa pesquisa-diagrama busca abrir caminhos para sua continuidade, provocando reposicionamentos e perguntando-se sobre as *condutas-contra-condutas*: individuais e coletivas, profissionais e acadêmicas, institucionais e ativistas, cartográficas e imagéticas, cruzando as práticas do direito e da arquitetura.

O Contra - Seminário Internacional - Condutas busca promover discussões sobre políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade, com a participação de arquitetos, artistas, antropólogos, jornalistas, historiadores, ativistas e pesquisadores. O seminário articula tópicos como abordagens diferentes de 'construção de "projeto" diante da definição hegemônica de arquitetura', 'o mutirão como síntese de um processo de trabalho e formação política', 'a arquitetura como trabalho e não (meramente) como "design"', e 'a moradia como lugar central na constelação dos espaços de trabalho na atualidade'. Serão investigadas as tensões entre as práticas de escravização, tráfico de pessoas e de exploração do trabalho forçado nas histórias moderna e contemporânea, além do caso

específico das condições de escravidão encontradas nos canteiros de obras associados aos megaventos e às transformações urbanas no Rio de Janeiro entre 2009 e 2016. Compreendendo a pesquisa como intervenção e a intervenção como pesquisa, analisaremos as contracartografias e a potência criativa e crítica da investigação colaborativa sobre os territórios, abrindo para questões de como a prática do design pode ser ativada como ferramenta na defesa dos direitos dos povos e da terra.

Em sua XII edição, o Seminário Internacional conta com a correalização do Sesc São Paulo e acontece ao longo de uma semana de intensa programação, que se encerrará com o lançamento do *Caderno de Pesquisa Científica da Escola da Cidade #3* (Edição *Contracondutas*) e com a abertura da exposição *Diagrama Contracondutas*.

Ana Carolina Tonetti e Ligia V. Nobre
Coordenadoras do Projeto Contracondutas

XII SEMINÁRIO INTERNACIONAL

Políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade

04 abril 17 14h às 17h

TRABALHO E ARQUITETURA — painel

Sesc Belenzinho

Beatriz Tone e Cristiane Gomes [Usina]
Mutirão Paulo Freire: movimento popular, arquitetura e pedagogia da práxis.

Ana Luiza Nobre [PUC-Rio]
Depois do futuro: escravidão e morte em canteiros olímpicos no Rio de Janeiro

Peggy Deamer [Yale University School of Architecture]
O trabalho-trabalhador da arquitetura

04 abril 17 18h às 20h30

ARQUITETURA COMO TECNOLOGIA POLÍTICA — conferência

Sesc Belenzinho

Felicity Scott [Columbia University]
Arquitetura como tecnologia política

05 abril 17 14h às 17h

DESENHO DE ESTRATÉGIAS — painel

Sesc Bom Retiro

Manuel Ulloa [EAHR]
A cultura e seu papel em nossa sociedade: o caso da Fundación Arquitectura, Emergencia y Derechos Humanos

Diego Barajas e Camilo Garcia [Husos]
Casas (re)produtivas em Dispersão

Melanie Dodd [MUF Art & Architecture / Central Saint Martins]
Quem faz o projeto?

06 abril 17 14h às 17h

CONTRACARTOGRAFIAS — painel

Sesc Bom Retiro

Daniel Lima [Frente 3 de Fevereiro]
Investigação-ação

André Mesquita [Rede Conceitualismos do Sul]
Cartografia crítica: das imagens do poder às lutas sociais

David Sperling [NEC IAU-USP]
O que está em (e fora do) jogo? Contracartografias como ações estéticas e redesenhos políticos

Pablo Ares [Iconoclastas]
Mapeamentos coletivos: espaços de articulação entre pedagogias críticas, processos colaborativos e táticas libertadoras

07 abril 17 14h às 17h

O COMUM E O DIREITO: HABILIDADES DE RESPOSTA — painel

Sesc Campo Limpo

Rodrigo Bonciani [Unila]
Escravidão, tráfico de pessoas e trabalho forçado: costumes e direitos na história

Karina Oliveira Leitão [FAU-USP]
Grandes obras e seus atingidos no Brasil de ontem e hoje

Paulo Tavares [UnB]
Arqueologia da violência

08 abril 17 15h30

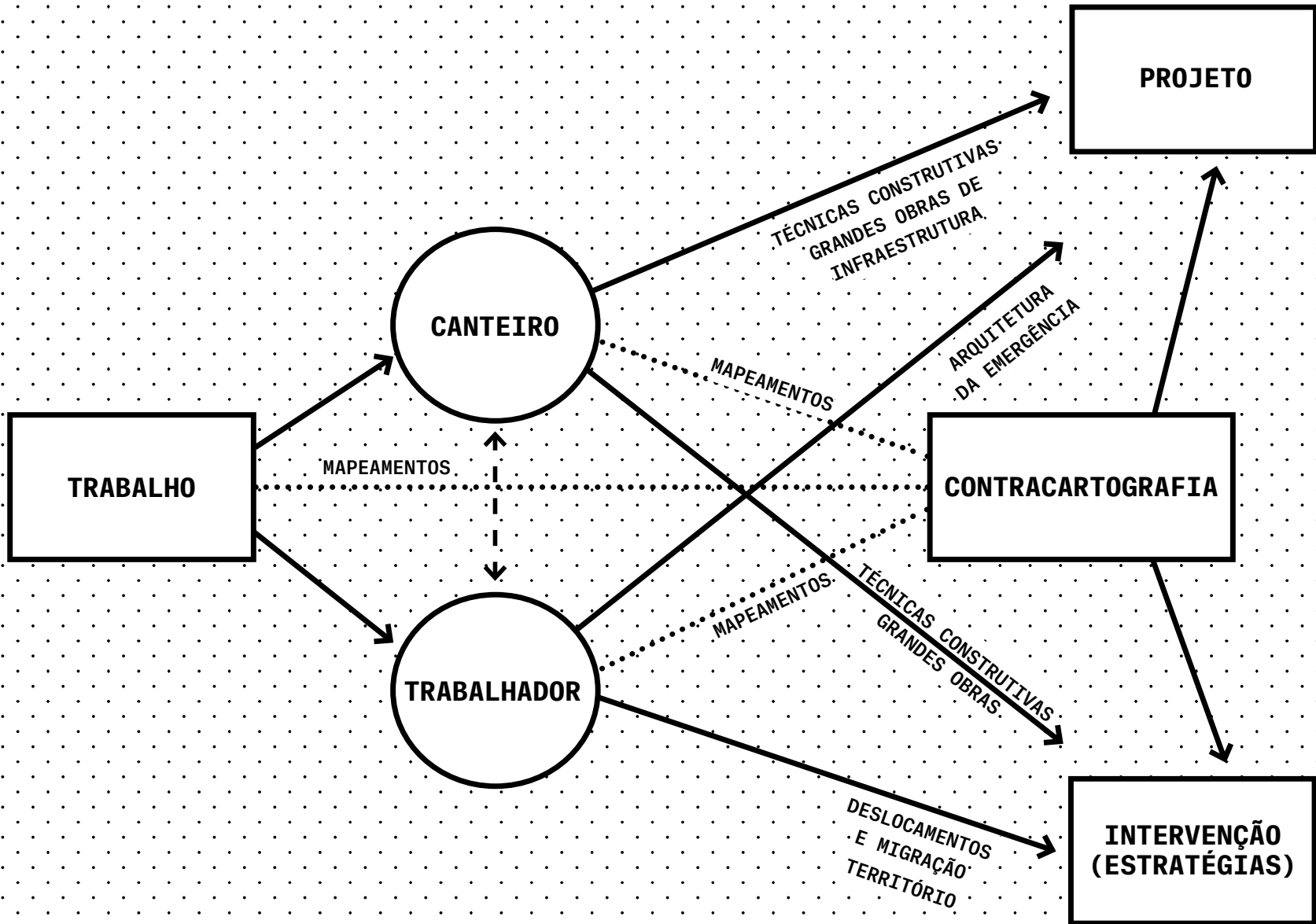
CONVERSA ABERTA EQUIPE CONTRACONDUTAS

Escola da Cidade

08 abril 17 17h

ABERTURA DA EXPOSIÇÃO, LANÇAMENTO DO CADERNO DE PESQUISA DA ESCOLA DA CIDADE #3 E FESTA DE ENCERRAMENTO DO SEMINÁRIO

Escola da Cidade



DIA 4 DE ABRIL

TRABALHO E ARQUITETURA

DAS 14H ÀS 17H
SESC BELENZINHO

MEDIADORAS
CAROL TONETTI E LIGIA NOBRE
ESCOLA DA CIDADE

BEATRIZ TONE E CRISTIANE GOMES
USINA

Mutirão Paulo Freire: movimento popular, arquitetura e pedagogia da práxis

Neste debate, o Mutirão Paulo Freire será tomado como síntese de um processo de trabalho e formação política. Tal experiência se inicia na luta pela Reforma Urbana, se desdobra na conquista do terreno, na elaboração conjunta do projeto arquitetônico e na organização não tradicional dos trabalhadores envolvidos: famílias do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra Leste 1, arquitetos, educadores, engenheiros, técnicos e profissionais da construção civil.

Beatriz Bezerra Tone é arquiteta formada pela FAU-USP. Foi integrante da USINA entre 2001 e 2012, quando fez parte da equipe do Mutirão Paulo Freire, do Mutirão Comuna da Terra Dom Tomás Balduino, entre outros trabalhos. É mestre e doutora pela FAU-USP, e atualmente, professora no curso de Arquitetura da Universidade São Judas Tadeu.

Cristiane Lima é coordenadora da União dos Movimentos de Moradia (UMM). Foi mutirante e coordenadora do Mutirão Paulo Freire, o primeiro grupo do movimento popular a assinar o contrato para uma obra em autogestão desde o final da gestão Luiza Erundina, em 1992.

ANA LUIZA NOBRE
PUC-RIO

Depois do futuro: escravidão e morte em canteiros olímpicos no Rio de Janeiro

Com base na pesquisa desenvolvida sobre os megaeventos (Copa do Mundo 2014 e Jogos Olímpicos 2016) e as transformações urbanas no Rio de Janeiro entre 2009 e 2016 (rionow.org), a proposta é olhar para a mítica do futuro associada ao imaginário da cidade olímpica pelo seu reverso, considerando os índices alarmantes de mortes e as condições de escravidão encontradas nos canteiro de obras.

Ana Luiza Nobre é arquiteta (UFRJ, 1986) e doutora em História (PUC-Rio, 2008). É também professora do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da PUC-Rio, onde coordena o LÂ - Laboratório de Análises Arquitetônicas. Tem vários artigos e livros publicados, e foi curadora adjunta da X Bienal de Arquitetura de São Paulo (2013). Atua nas áreas de história, teoria e crítica da arquitetura e da cidade, com ênfase na produção moderna e contemporânea.

PEGGY DEAMER
YALE UNIVERSITY SCHOOL OF ARCHITECTURE

O trabalho-trabalhador da arquitetura

Esta apresentação examinará os diversos caminhos pelos quais a arquitetura – como projeto, disciplina e profissão –

se beneficia ao identificar a si mesma como TRABALHO e não como (mero) “design”. Ao expor os autoinfligidos preconceitos que sufocam a habilidade dos arquitetos em serem socialmente capazes e pessoalmente recompensados, esta conferência analisa as quatro principais categorias reconcebidas do trabalho arquitetônico e propõe novos resultados organizacionais.

Peggy Deammer é professora de arquitetura na Yale University. Obteve seu bacharelado em arquitetura pela Cooper Union e seu Ph.D pela Princeton University. É diretora da Deamer, Architects e editora de *Architecture and capitalism: 1845 to the present* (Routledge, 2013) e *The architect as worker: immaterial labor, the creative class, and the politics of design* (Bloomsbury Academic, 2015). É também coeditora de *Asymmetric labors: the economy of architecture in theory and practice* (The Architecture Lobby, 2016), *Building (in) the future: recasting architectural labor* (Princeton Architectural Press, 2010) e *BIM in Academia* (Yale School of Architecture, 2011). É membro fundador da Architecture Lobby, um grupo que advoga em prol da importância do projeto arquitetônico e do trabalho. Sua pesquisa atual explora a relação entre subjetividade, design e trabalho na economia atual.

DIA 4 DE ABRIL

ARQUITETURA COMO TECNOLOGIA POLÍTICA

DAS 18HS ÀS 20H30
AULA ESPECIAL
SESC BELENZINHO

FELICITY SCOTT
COLUMBIA UNIVERSITY

Arquitetura como tecnologia política

Esta conferência apresentará meu novo livro, *Outlaw territories: environments of insecurity/Architectures of counter-insurgency* (MIT Press, 2016). Centrado nas décadas de 1960 e 1970, o livro revisita uma época em que os arquitetos procuravam desempenhar um papel na governança ambiental global e na gestão das populações, questionando como eles puderam ter assumido tal responsabilidade e, com ela, uma certa autoridade moral e tecnocrática. Para esta conferência, vou me concentrar na forma como a arquitetura emerge, dentro do livro, como tecnologia política e mecanismo heterogêneo de controle subjetivo e ambiental. Se por muito tempo a arquitetura tem servido a essas capacidades, centrarei minha atenção na questão de como, ou se, esses papéis se transformaram à medida que a disciplina se tornava cada vez mais inscrita dentro de uma matriz global de forças (ambiente, desenvolvimento, migração, guerra, pobreza, informatização), quando a arquitetura veio a ser dotada,

literalmente, da tarefa de regular a saúde, a socialização e a produtividade de populações cada vez mais extensas.

Felicity D. Scott é diretora do Programa de Ph.D em Arquitetura (História e Teoria) e codiretora do programa de Práticas Críticas, Curatoriais e Conceituais em Arquitetura (CCCP) na Graduate School of Architecture, Planning and Preservation, na Columbia University. Além de publicar inúmeros artigos em jornais, revistas e antologias, é autora de *Architecture or techno-utopia: politics after modernism* (MIT Press, 2007), *Living archive 7: ant farm* (ACTAR, 2008), *Disorientation: Bernard Rudofsky in the Empire of Signs* (Sternberg Press, 2016) e *Outlaw territories: environments of insecurity/Architectures of counter-insurgency* (Zone Books, 2016).

DIA 5 DE ABRIL

DESENHO DE ESTRATÉGIAS

DAS 14H ÀS 17H
SESC BOM RETIRO

MANUEL ULLOA
EAHR

A cultura e seu papel em nossa sociedade: o caso da Fundación Arquitectura, Emergencia y Derechos Humanos

“O que nos faz humanos são as coisas menos importantes para nossa sobrevivência” (Dimopoulos, 2012). Esta frase simboliza nossa natureza em busca constante pelo sentido, o qual começa a se diluir com a velocidade vertiginosa da história e a individualização do futuro, que nos impede de observar as soluções que poderiam responder às distintas crises que enfrentamos hoje. Desta forma, analisaremos a maneira como a cultura e sua capacidade orientadora pode adquirir maior relevância na atualidade, confrontando, assim, a primazia do econômico como sistema que está determinando as respostas que estamos dando como sociedade. Para demonstrar nossa análise, descreveremos o caso da Fundación Arquitectura Emergencia y Derechos Humanos (AEiDH), organização que, do ponto de vista da arquitetura cultural, tem respondido a diversas crises humanitárias por meio de projetos concretos, e tem construído propostas para se antecipar a elas.

Manuel Alejandro Ulloa Cortés é antropólogo, mestre em Sistemas Sociais Complexos Aplicados à Sociedade pela Universidad de Chile, e gerente da Fundación Arquitectura, Emergencia y Derechos Humanos desde 2015. A AEIDH nasce em 1995 como uma resposta à necessidade de levar a arquitetura aos diversos países do mundo, especialmente aqueles que não contam com ela, considerando a arquitetura como um direito. Atualmente, ela possui três sedes – na Dinamarca, no Chile e na Itália – com profissionais de diversas áreas (ciências sociais, arquitetura, economia, informática e engenharia). Com o objetivo de formar novas gerações, a EAHR, em conjunto com a Università Iuav di Venezia (IUAV), criou um mestrado internacional – Emergência e Resiliência –, em 2015, que conta com alunos dos cinco continentes. A IUAV e a EAHR criaram este mestrado internacional como forma de melhorar sua resposta profissional, a partir de um enfoque físico e ambiental, nestas situações extremas no mundo todo.

DIEGO BARAJAS E CAMILO GARCIA
HUSOS

Casas (re)produtivas em Dispersão

Explorações urbanas do trabalho doméstico para outras formas de práticas assistenciais nas esferas social, natural e econômica. Embora muitas vezes marginalmente associada com o trabalho, a habitação ocupa um lugar central na constelação de espaços de trabalho. Compreendendo a casa como linha de frente da construção social e laboratório do urbano, tomaremos a casa como ponto de partida para analisar algumas das problemáticas da produção e do trabalho na cidade, levando em conta suas dimensões social, natural e econômica. Para tanto, discutiremos primeiro a produção e o trabalho a partir de uma perspectiva (re)produtiva, que definimos a partir de uma compreensão abrangente e inclusiva da produção ligada ao pensamento feminista transversal. Em segundo lugar, no âmbito da Dispersão, vamos rever

alguns projetos microurbans desenvolvidos pela Husos. Por fim, apresentaremos algumas das possibilidades e limitações desses projetos com relação à construção de futuros alternativos.

Husos é um escritório de arquitetura e urbanismo transdisciplinar. Fundado em 2003 por Diego Barajas e Camilo Garcia, tem sede em Madri e opera entre Espanha e Colômbia. O trabalho da Husos faz parte de coleções permanentes do FRAC Centre, em Orléans, na França, e do History Museum of Rotterdam, e foi premiado pelo Zumtobel Award for Sustainability and Humanity. Foi apresentado na Bienal de Veneza, na Bienal de Roterdã, na Trienal de Arquitetura de Oslo, na Matadero Madrid, na Fundació Antoni Tàpies, no Witte de With Museum, na Holanda, e na PhotoEspaña, entre outros. Camilo e Diego são professores da IE University School of Architecture and Design, e da UCJC.

MELANIE DODD
MUF/CENTRAL SAINT MARTINS

Quem faz o projeto?

A definição profissional do projeto arquitetônico (por exemplo, no RIBA Plan of Work) define apenas um conjunto estreito e relativamente discreto de tarefas – desde o projeto até o detalhamento da construção. Mas essas descrições deixam de fora o vasto território da produção atual, que é desempenhada por outros, da população local a usuários, funcionários do governo e empreiteiros locais. Ao examinar diferentes abordagens para a construção de “projetos”, podemos propor uma resistência a essa definição hegemônica e displacente de arquitetura. E por construção, não nos referimos apenas ao “ato de construir prédios”, mas também à forma como o projeto é concebido, estruturado e implementado. Ao propor um terreno mais amplo de práticas espaciais, esta conferência discutirá um andaime de traje-

tórias alternativas e se baseará em definições ampliadas de ensino e prática, incluindo exemplos de *muf architecture/art*, obras públicas e de outros profissionais/professores da Saint Central Martins.

Melanie Dodd é arquiteta e acadêmica, diretora do Programa de Práticas Espaciais da Central Saint Martins. Formada em Cambridge, ensinou arquitetura em diversas instituições desde 1995, incluindo a University of Cambridge, a London Metropolitan University (CASS), a Royal College of Art e a RMIT University, em Melbourne – onde foi Diretora de Arquitetura de 2005 a 2013. Seu ensino, prática e interesses de pesquisa centram-se nas relações entre as infraestruturas sociais e políticas e os ambientes construídos, explorados no seu livro *Live projects: designing with people* (RMIT Press, 2012) e seu Ph.D *Between the lived and the built* (RMIT 2011). É colaboradora contínua da *muf architecture/art* desde 1997, e contribuiu como autora para a publicação *This is what we do: a Muf manual* (Ellipsis, 2002).

DIA 6 DE ABRIL **CONTRA- CARTOGRAFIAS**

DAS 14H ÀS 17H
SESC BOM RETIRO

DANIEL LIMA
FRENTE 3 DE FEVEREIRO

Investigação-ação

A investigação-ação aparece como estratégia para desfazer os limites dos territórios estabelecidos *a priori*, e também para reconfigurar as fronteiras e a topografia dos novos territórios surgidos no processo. A investigação-ação vem dar voz ao que já fazíamos: pesquisa como intervenção, intervenção como pesquisa. O caminho da investigação pede a invenção dos passos, reinvenção constante das práticas, dos instrumentos e do roteiro de pesquisa. Desta forma, a trajetória da investigação-ação se constitui de uma trama de campos que se atraem, gravidades que produzem junções inesperadas, construindo uma espécie de quebra-cabeças disforme. Buscamos dispositivos que possam animar estas forças.

Daniel Lima é bacharel em artes plásticas pela ECA-USP, mestre em Psicologia Clínica pelo Núcleo de Estudos da Subjetividade da PUC-SP e doutorando em Meios e Processos Audiovisuais pela ECA-USP. Desde 2001, cria intervenções e interferências no espaço urbano. Próximo de trabalhos coletivos, desenvolve pesquisas relacionadas à mídia, questões raciais e processos educacionais. É tam-

bém membro fundador de *A revolução não será televisada*, *Política do impossível* e *Frente 3 de fevereiro*, e dirige a produtora e editora Invisíveis Produções (www.danielcflima.com).

ANDRÉ MESQUITA
REDE CONCEITUALISMOS DO SUL

Cartografia crítica: das imagens do poder às lutas sociais

Esta apresentação pretende discutir algumas ideias e exemplos acerca dos modos como artistas e ativistas têm utilizado as práticas de contracartografia, a fim de mapear redes de poder muitas vezes desconhecidas, operar sobre geografias invisíveis ou interpelar a produção de uma memória política sobre os fatos sociais. No entanto, este debate também passa pelos limites em que os mapas e diagramas nos colocam em termos de representação e de suas aplicações como instrumentos de controle e dominação, assim como a maneira pela qual determinadas histórias são silenciadas e reconstruídas por determinados agentes (governo, mídia etc.), produzindo, em alguns casos, tramas conspiratórias.

André Mesquita é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo e autor de *Insurgências poéticas: arte ativista e ação coletiva* (2011), *Esperar não é saber: arte entre o silêncio e a evidência* (2015), e coautor de *Desinventário. Esquirlas de Tucumán arde en el archivo de Graciela Carnevale* (2015). Ativismo político, práticas artísticas coletivas, movimentos sociais, intervenção urbana, cartografia crítica, práticas criativas com foco no período das ditaduras militares na América Latina estão entre seus temas de pesquisa.

DAVID SPERLING
NEC IAU-USP

O que está em (e fora do) jogo? Contracartografias como ações estéticas e redesenhos políticos

Diante de experiências contemporâneas cada vez mais mediadas e processadas cotidianamente por mapas, e pelo excesso de dados espaciais e sociais tornados objetivos, *contracartografias* são instrumentos que visam colocar narrativas em disputa a partir de reproposições do que, em cada realidade, está em (e fora do) jogo. Esta apresentação será feita com uma série de reflexões sobre o tema e com um atlas de *contracartografias* produzidas por agentes diversos (artistas, geógrafos, escritores, coletivos), como modos estéticos e políticos de espacialização da informação.

David Sperling é professor do Instituto de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (IAU-USP) e pesquisador do Núcleo de Estudos das Espacialidades Contemporâneas (NEC-USP), tendo, como maiores interesses, interfaces entre arquitetura e arte; relações entre espaço, tecnologia e cultura, e processos cartográficos. É membro do Conselho Assessor da Sociedade Ibero-americana de Gráfica Digital, e apresentou trabalhos na X Bienal de Arquitetura de São Paulo e no Storefront for Art and Architecture (NYC).

PABLO ARES
ICONOCLASISTAS

Mapeamentos coletivos: espaços de articulação entre pedagogias críticas, processos colaborativos e táticas libertadoras

Questionarei a respeito do poder criativo e crítico da pesquisa colaborativa sobre os territórios. Refletirei sobre a forma como o conhecimento coletivo é construído por meio da

dinamização fornecida por dispositivos gráficos desenhados para tal fim. Ressaltarei a importância (e necessidade) da elaboração de panoramas críticos na organização de práticas libertadoras, e o lugar, neste processo, que ocupam os saberes populares compartilhados pelos participantes. Para levantar todas estas questões, mostrarei diversos processos de trabalho em geografias distantes, bem como os recursos e metodologias de mapeamento implementadas nos *workshops*.

Pablo Ares é artista e trabalha em meios gráficos há mais de 25 anos. Nos anos 1980 e 1990, produziu quadrinhos para importantes revistas argentinas. Fez filmes de animação e participou em festivais internacionais de curta-metragem. Entre 1997 e 2005, integrou o Grupo de Arte Callejero (GAC), com quem realizou intervenções urbanas e gráficas com organizações de direitos humanos. Com este grupo ganhou a competição “Parque de la Memoria”, e participou na Bienal de Veneza, em 2003. Desenha mapas desde 2000, e com Julia Risler, criou o Iconoclasistas, em 2006, onde elabora dispositivos gráficos e visuais para a realização de *workshops* de criação e investigação coletiva. Foi premiado em 2012 pela Bienal Iberoamericana de diseño e, em 2016, recebeu o prêmio da Curry Stone Design.

DIA 7 DE ABRIL

O COMUM E O DIREITO: HABILIDADES DE RESPOSTA

DAS 14H ÀS 17H
SESC CAMPO LIMPO

PAULO TAVARES
UNB

Arqueologia da violência

De que maneira o meio ambiente, construído e natural, funciona como instrumento de violação de direitos? Quais tecnologias e estratégias investigativas, documentais e estéticas podem ser mobilizadas para mapear, expor e combater tais formas de violência? Como a prática do design pode ser ativada como ferramenta na defesa dos direitos dos povos e da terra? Nesta apresentação, exploro o trabalho recente da ONA (Organização Não Alinhada), uma agência dedicada a prover inteligência espacial para coletivos, organizações civis, movimentos sociais e grupos de advocacia em defesa dos direitos humanos e dos direitos da natureza.

Paulo Tavares é arquiteto e urbanista. Atualmente, é professor da Faculdade de Arquitetura da Universidade de Brasília (UnB), tendo lecionado no Centro de Pesquisa em Arquitetura Goldsmiths (Universidade de Cornell) e na

Pontifícia Universidade Católica do Equador. Seus projetos e textos foram publicados e exibidos em diferentes contextos, mais recentemente na Bienal de Design de Istambul (2016) e na Bienal de Arte de Sharjah (2017). Em 2017, ele criou a agência Autônoma, uma plataforma dedicada a explorar novas formas de pensar e produzir a cidade (www.autonoma.xyz / www.paulotavares.net).

KARINA OLIVEIRA LEITÃO
FAU-USP

Grandes obras e seus atingidos no Brasil de ontem e hoje

Muito mais do que planos, obras de infraestrutura têm moldado o território nacional de forma a reiterar a constituição de um espaço desigual e fragmentado, com ações estatais que, no território, atualizam, permanentemente, matrizes predatórias, em termos sociais e ambientais. Seja no campo energético, logístico ou urbano, os reatamentos territoriais das ações estatais têm causado impactos e atingido comunidades. Nesta apresentação, os conflitos em torno desses efeitos serão iluminados, e exploraremos os custos ambientais, sociais e financeiros da implantação de grandes infraestruturas, fazendo uma crítica à tradicional “sagrada aliança” do capital com o estado brasileiro. Serão abordados, ainda, casos de comunidades atingidas, suas contranarrativas, suas histórias de resistência. Especial atenção será dada aos casos de obras no âmbito do PAC (Programa de Aceleração do Crescimento do Governo federal, iniciado em 2007). Daremos especial foco para o caso da obra da hidrelétrica de Belo Monte, estudada por um grupo de pesquisadores no bojo do projeto Contracondutas.

Karina Leitão é professora da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP). Possui graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Pará (UFPA, 1999), mestra-

do pelo Programa de Integração da América Latina da Universidade de São Paulo (PROLAM-USP, 2004) e doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo (FAU-USP, 2009). Desde 2002, é pesquisadora, e desde 2016, coordenadora do Laboratório de Habitação e Assentamentos Humanos da FAU-USP. Tem experiência nas áreas de planejamento urbano e regional, com ênfase em políticas urbanas e de habitação de interesse social e gestão municipal.

RODRIGO BONCIANI
UNILA

Escravidão, tráfico de pessoas e trabalho forçado: costumes e direitos na história

Esta comunicação percorrerá diferentes definições e textos jurídicos sobre a escravidão, o tráfico de pessoas e o trabalho forçado nas histórias moderna e contemporânea: no século XVI, na colonização das Américas e no desenvolvimento do tráfico negreiro; no século XIX, na construção de um discurso antiescravista e na regulação do trabalho forçado pelo imperialismo europeu; e no século XX, no desenvolvimento de organismos internacionais que estabeleceram instrumentos universalizados sobre esses temas. Como a problemática da escravidão se tornou um elemento central para a caracterização das relações de poder e para o desenvolvimento das noções de soberania e direito internacional? A apresentação discutirá, particularmente, as tensões entre as práticas de escravização, comércio e de exploração do trabalho forçado desenvolvidas na localidade, nas quais prevalecem os discursos, ou práticas, baseados no direito comum e nos costumes, a ideia de controle e regulação destas formas pelo Estado e sua importância para a definição das relações internacionais.

Rodrigo Bonciani é professor Adjunto III do curso de História da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA). Foi coordenador do curso de História da UNILA (2013-2014) e membro da Comissão de elaboração do Plano de Desenvolvimento Institucional (2012-2013). Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo (USP, 2010), tem pós-graduação *lato sensu* pelo Consejo Superior de Investigaciones Científicas (CSIC, Espanha, 2007). É pesquisador visitante da Universidade Nova de Lisboa (UNL, Portugal, 2006) e bacharel e licenciado em História pela USP (2001).

ESTÚDIO VERTICAL E CONTRACONDUTAS

A proposta do Estúdio Vertical, em 2017, procura reafirmar sua condição de espaço de síntese do conjunto de reflexões da Escola da Cidade, neste semestre alinhada com as investigações em curso no âmbito do projeto **Contracondutas**. O exercício é livre, podendo transitar entre as escalas do objeto, do edifício ou da cidade, no campo do projeto ou da teoria, desde que composto, em cada uma das entregas, de textos acompanhados de desenhos, croquis, modelos, imagens ou qualquer outro meio que expresse ou represente o processo de sua concretização, buscando a aproximação e a coerência entre o discurso e o projeto, entre ideia e realização.

MODOS DE PENSAR, MODOS DE FAZER é, antes de um tema, uma epígrafe que serve de ponto de partida para reflexão e aproximação entre as instâncias das ideias e de sua concretude.

A parceria entre o projeto Contracondutas e o Estúdio Vertical se estabelecerá também na participação dos convidados do XII Seminário Internacional nas bancas preliminares de avaliações dos grupos de alunos.

DIAS 5 E 6 DE ABRIL

Quarta e quinta-feira, a partir das 18h, as bancas de avaliação dos alunos de Estúdio Vertical (E.V.) serão realizadas na Escola da Cidade.

ADENSAMENTO CRÍTICO DO SEMINÁRIO: CONTRA - SEMINÁRIO INTERNACIONAL - CONDUTAS

Políticas da arquitetura e trabalho escravo
na contemporaneidade

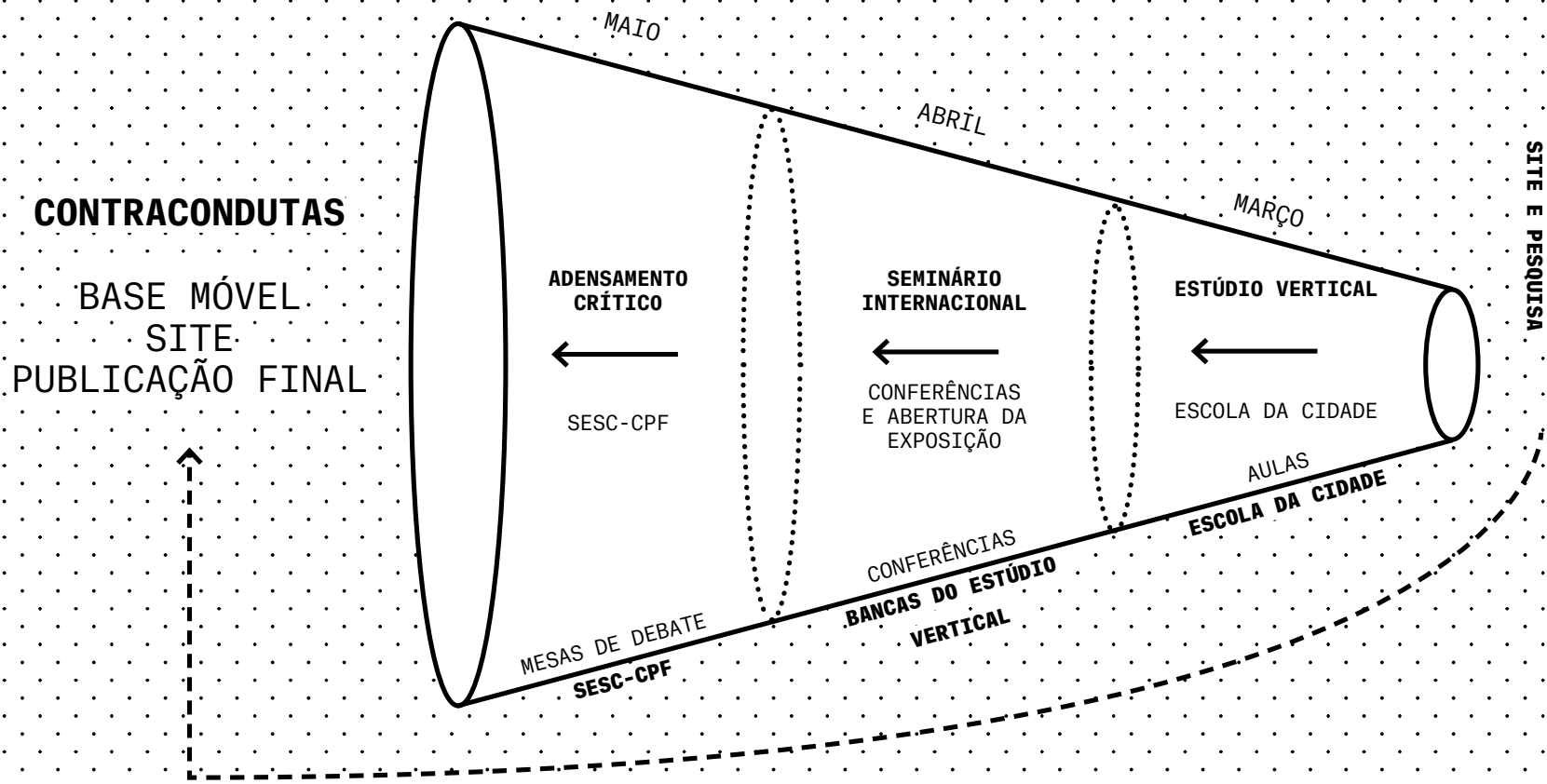
O Centro de Pesquisa e Formação, em parceria com o projeto Contracondutas, apresentará um ciclo de discussões que pretende desenvolver, aprofundar e articular questões anunciadas e discutidas durante o evento **Contra - Seminário Internacional - Condutas: políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade**, realizado de 04 a 08 de abril nas unidades do Sesc Belenzinho, Sesc Bom Retiro, Sesc Campo Limpo e na Escola da Cidade.

Este ciclo proporcionará um momento de adensamento crítico dos enunciados relativos ao seminário, tais como trabalho e trabalho análogo a escravo, arquitetura como tecnologia política, o desenho de estratégias e as diversas habilidades de responder aos temas da contemporaneidade, tendo em vista o comum e os direitos humanos.

Para este adensamento crítico serão convidados diversos profissionais que participaram do projeto Contracondutas ao longo de seu ano de duração, artistas, críticos, editores, historiadores, ativistas, jornalistas, professores, advogados, técnicos e arquitetos.

Os encontros ganham um caráter de sabatina, recapitulação e encerramento. Embora seja um momento conclusivo, os produtos, publicações, site e a articulação em rede de profissionais e instituições envolvidos repercutirão no tempo os enunciados propostos pelo projeto.

10, 14, 24 e 31 de maio
Grátis
Inscrições antecipadas
Vagas limitadas



ASSOCIAÇÃO ESCOLA DA CIDADE

Presidente da Associação

Anália Maria Marinho
de Carvalho Amorim

Vice-Presidente

Marta Inês da Silva Moreira

Diretoria Executiva

Álvaro Puntoni, Anderson Freitas,
Ciro Pironi, Fernando Viégas, Luis
Otávio de Faria e Silva, Newton
Massafumi, Paulo Brazil, Rafic
Farah, Ricardo Caruana e Leile
Cacacci.

ESCOLA DA CIDADE

Coordenador do Conselho Pedagógico

Alvaro Puntoni

Diretor da Escola da Cidade

Ciro Pironi

Coordenador Urbanismo

Daniel Montandon

Coordenadores História

Amália dos Santos e Pedro Lopes

Coordenador Meios de expressão

Ana Carolina Tonetti

Coordenador Tecnologia

Anália Maria Marinho de Carvalho
Amorim

Coordenadora Projeto

Cristiane Muniz

Coordenador Seminário

José Guilherme Pereira Leite

Coordenador Escola Itinerante

Eduardo Ferroni

Coordenador Vivência externa

Pablo Hereñú

Coordenador Aperfeiçoamento

Guilherme Paoliello

Coordenadores Estúdio Vertical

Francisco Fanucci e Cesar Shundi

Assessora Executiva

Fernanda Barbara

Assessor de Comunicação

Anderson Freitas

Assessora de Imprensa

Camila Regis

Gráfica Flávio Motta

Demetre André Lymberopoulos,
William Catelli Pinto

Editora da Cidade

Anderson Freitas, José Paulo
Gouvêa, Fábio Valentim, Marina
Rago e Mateus Tenuta

Baú

Clarissa Mohany, Felipe do Amaral,
Rogério Macedo, Manuela Raitelli,
Stella Bloise, Giovana Campioto,
João Pedro Vieira e Isabel Saad

Contabilidade

Dayse Lymberopoulos e Claudia
Hermógenes

CONSELHO TÉCNICO (2015-2018)

Coordenação do Conselho Técnico

Marta Moreira e Felipe Noto

Conselheiros

Guilherme Paoliello e Felipe Noto

Colaboradora

Carolina Klocker

PROJETO CONTRACONDUTAS

Coordenação Geral e Curadoria

Ana Carolina Tonetti
e Ligia Velloso Nobre

Coordenação Conselho Técnico

Felipe Noto

Assistente de Curadoria

Julia de Francesco

Produção

Gabriel Pires de Camargo Curti

Assistente de Arquitetura e Design

Guilherme Pardini

Estagiária de Edição

Mariana Caldas

Revisão e Tradução

Cícero Oliveira

Comissão Editorial Contracondutas

Coordenação de Edição

Gilberto Mariotti

Editora Adjunta

Joana Barossi

Linguagem Visual e Direção de Arte

Vitor Cesar

Estagiário de Linguagem Visual

Alexandre Drobac

Estagiários de Edição e Publicação

Alexandre Makhoul

e Mateus Loschi

Publicações Contracondutas

Produção

Editora da Cidade – José Paulo
Gouvêa e Mateus Tenuta
Estagiário de Produção Gráfica
Breno Felisbino da Silveira

Plataforma Digital

Arquitetura do Site

Cláudio Bueno

Programação

Cláudio Bueno e Andrei Thomaz
Linguagem Visual da Plataforma
Julia Masagão e Vitor Cesar

Pesquisa acadêmica

Coordenadora do Conselho Científico

Marianna Boghosian Al Assad

Programa de Estágio em Iniciação Científica

Professores Orientadores

Anália Amorim, Amália Cristovão
do Santos, Guilherme Petrella, José
Guilherme Schutzer, José Paulo
Gouvêa, Marta Lagrega, Marianna
Boghosian Al Assad, Pedro Lopes
e Valdemir Lúcio Rosa (Escola
da Cidade); Paulo Roberto de
Albuquerque Bonfim (Instituto
Federal de Educação – Ciências
e Tecnologia de São Paulo), José
Eduardo Baravelli (FIAM-FAAM,
FAU-USP, Escola da Cidade), José
Guilherme Magnani (FFLCH-USP).

Estudantes Pesquisadores

Bianca Feliz Okamoto, Bruna Ribeiro Alves, Carolina Bozio Quinzani, Gabriel de Paula Biselli, Mably Rocha, Mayte Tosta Moledo Coelho, Rafaella Luppino, Stela Mori Neri Silva.

ESTÚDIO VERTICAL 1º SEMESTRE (2017)

Professores Coordenadores

Shundi Iwamizu e Francisco Fanucci

Professores

André Vainer, Ana Carolina Tonetti, Camila Toledo, Camille Bianchi, Cris Xavier, Daniel Corsi, Eduardo Colonelli, Eduardo Gurian, Fernanda Barbara, Guillaume Sibaud, Ligia Miranda, Luciano Margotto, Marcos Boldarini, Martin Corullon, Marina Grinover, Mauro Munhoz, Mário Figueroa, Marta Moreira, Ruben Otero, Silvio Oksman e Rafic Farah.

Professores Assistentes

Alexandre Gervásio, Eduardo Borges Barcellos, Guilherme Bravin, Helena Morgado Lapa Trancoso, Julia Zemella, Manuela Lourenço, Thiago Benucci, Matheus de Paula D'Almeida.

SESC - SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO Administração Regional no Estado de São Paulo

Presidente do Conselho Regional

Abram Szajman

Diretor do Departamento Regional

Danilo Santos de Miranda

Superintendentes

Técnico-social Joel Naimayer Padula

Comunicação Social Ivan Giannini **Administração**

Luiz Deoclécio M. Galina **Assessoria Técnica**

e de Planejamento Sérgio Battistelli

Gerentes

Centro de Pesquisa e Formação Andréa Nogueira

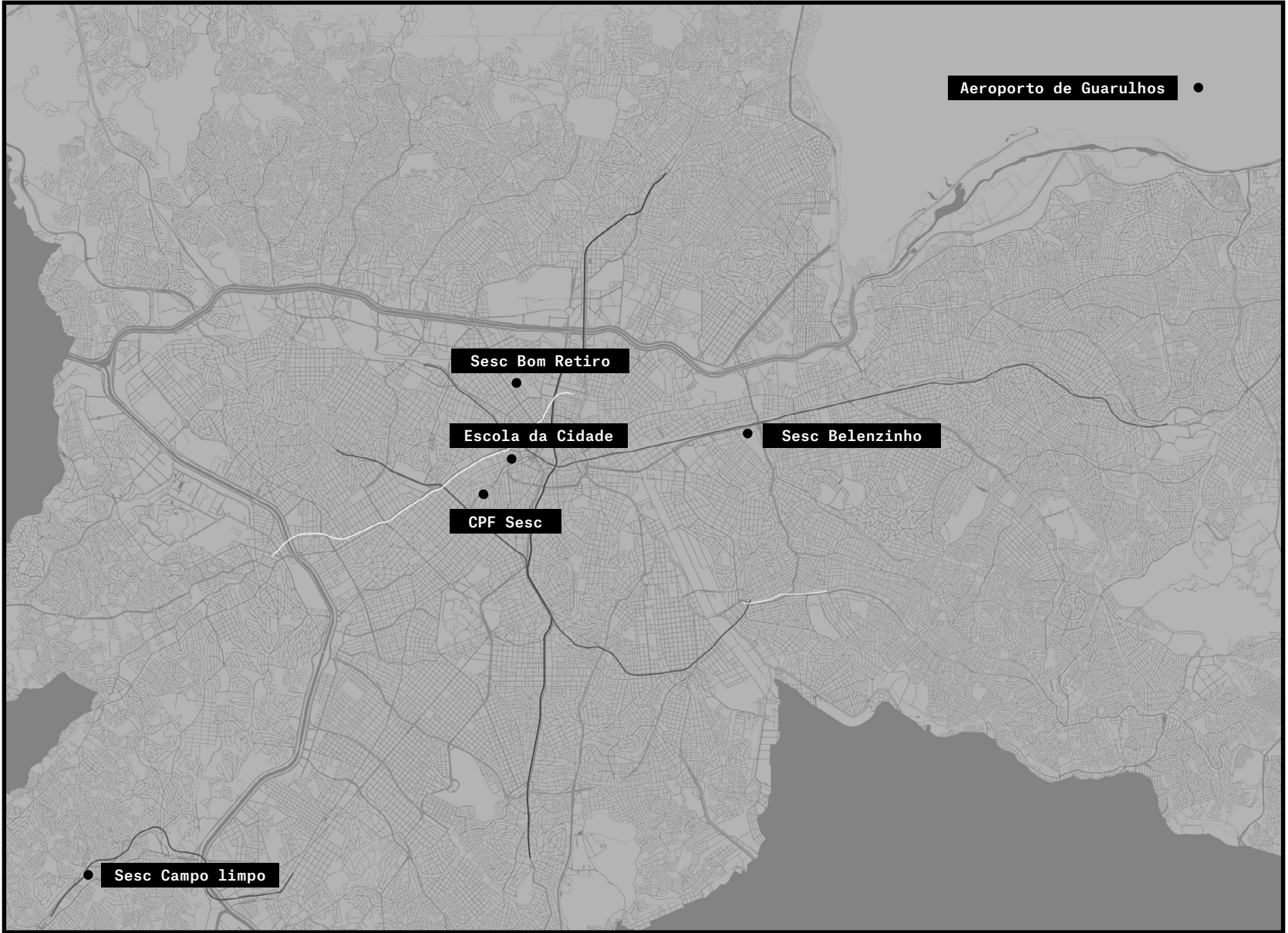
Adjunto Mauricio Trindade da Silva **Sesc Belenzinho**

Marina Avilez **Adjunto** Fábio Vasconcelos **Sesc Bom**

Retiro Monica Machado **Adjunto** José Henrique Coelho

Sesc Campo Limpo Mario Fernandes **Adjunto**

Mario Luiz Alves de Matos



Aeroporto de Guarulhos

Sesc Bom Retiro

Escola da Cidade

CPF Sesc

Sesc Belenzinho

Sesc Campo limpo

ENDEREÇOS

ESCOLA DA CIDADE

Rua General Jardim, 65
Vila Buarque [metrô República]
CEP: 01223-011 – São Paulo SP
Tel.: +55 11 3258 8108
escoladacidade@escoladacidade.edu.br

CENTRO DE PESQUISA DE FORMAÇÃO DO SESC

Rua Dr. Plínio Barreto, 285, 4º andar
Bela Vista [metrô Trianon]
CEP: 01313-20 – São Paulo SP
Tel.: +55 11 3254-5600
centrodepesquisaeformacao@sescsp.org.br

SESC CAMPO LIMPO

Rua Nossa Senhora do Bom Conselho, 120
Campo Limpo [metrô Campo Limpo]
CEP: 05763-470 – São Paulo SP
Tel.: +55 11 5510-2700
email@campolimpo.sescsp.org.br

SESC BELENZINHO

Rua Padre Adelino, 1000
Belenzinho [metrô Belém]
CEP: 03303-000 – São Paulo SP
Tel.: +55 11 2076-9700
email@belenzinho.sescsp.org.br

SESC BOM RETIRO

Alameda Nothmann, 185
Campos Eliseos [metrô Luz]
CEP: 01216-000 – São Paulo SP
Tel.: +55 11 3332 3600
email@bomretiro.sescsp.org.br

O Seminário Internacional: políticas da arquitetura e trabalho escravo na contemporaneidade é uma parceria do Sesc São Paulo com a Escola da Cidade.

Esta publicação foi editada pelo projeto Contracondutas, realizado entre maio de 2016 e maio de 2017, por meio do Conselho Técnico da Escola da Cidade. Ele contou com financiamento público proveniente de TAC entre o Ministério Público do Trabalho e a empresa flagrada utilizando mão de obra em condições análogas às de escravidão em obras do terminal 3 do Aeroporto Internacional de Guarulhos, em 2013. O Seminário é público e gratuito, mediante inscrição (sescsp.org.br/contraconduatas).

escoladacidade.org
ct-escoladacidade.org/contracondutas
sescsp.org.br

